

Com a palavra, as crianças: um debate sobre inovações metodológicas na investigação do brincar

Ilka Dias Bichara¹, Bianca Becker¹

Por que investigar o brincar?

É facilmente constatável que o brincar é uma característica predominante nas crianças e não está ausente entre os adultos. Ainda que cada cultura, cada grupo, cada turma de amigos e mesmo cada criança tenha suas brincadeiras particulares, a simples existência do fenômeno é inquestionavelmente universal (Bichara, Lordelo e Magalhães, 2016).

É possível afirmar, portanto, que brincar é uma característica definidora e universal da infância, embora culturalmente variável (Gosso & Carvalho, 2013). Porém é imperioso se questionar o que é o brincar e buscar defini-lo, para que se possa estabelecer esse como um fenômeno relevante o suficiente para que se torne objeto de investigação científica. Definir o brincar tem sido um desafio para aqueles que investigam o brincar, pois apesar dessa atividade ser facilmente reconhecida, a sua definição clara e precisa é difícil. O caminho escolhido pelos pesquisadores para alcançar tal objetivo foi o de identificar quais seriam as características básicas dessa atividade que ajudem a identificar o início e o término de um episódio, por exemplo, além de diferenciá-la de outras atividades semelhantes como exploração e comportamentos estereotipados (Smith, 2007; 2010).

O principal autor na resposta a essas questões tem sido Burghardt (2005) que afirma que a brincadeira pode ser caracterizada pelos altos níveis de atividade e padrões comportamentais usados em contextos funcionais reais, mas desvinculados de sua motivação original. Outra característica levantada por Burghardt (2005) é a presença de movimentos exagerados. Como não há uma finalidade específica, os padrões motores se repetem com frequência e são usados exageradamente. Também se observam reordenação e fragmentação dos elementos que compõem a sequência comportamental, pois diversos padrões comportamentais podem ser incorporados. O brincar pode também ser interrompido por outras atividades, ocorrendo maior número de combinações motoras do que em outros tipos de interação.

Todas essas características são sintetizadas por este autor em cinco grupos de critérios identificadores dos episódios de brincadeira: 1) Função imediata limitada, referindo-se à ocorrência de comportamentos fora do contexto original; 2) Componente endógeno, representando o fato de que a brincadeira consiste em comportamento espontâneo, voluntário, prazeroso, recompensador, reforçador ou feito em benefício próprio; 3) Diferença temporal ou estrutural, descrevendo o fato de que os comportamentos de brincar são, em geral, incompletos, exagerados ou precoces, envolvendo padrões com forma, sequência ou alvo modificados; 4) Ocorrência repetida, consistindo no desempenho repetido em forma similar, embora não estereotipada; 5) Ambiente relaxado, ou seja, as brincadeiras só ocorrem em situações livres de tensões, ameaças, disputas e quando o indivíduo encontra-se num estado saudável, alimentado e sem necessidades físicas prementes.

Outro aspecto que tem intrigado os pesquisadores da área é relativo a própria existência do fenômeno. Pellegrini & Smith (1998) questionaram o porque da existência de uma atividade que parece ser supérflua, persistir em tantas espécies? E, se brincar for uma extravagância, como persistiu? Os autores consideram que deve conter alguma função de adaptação ou ao menos um benefício que sobreponha seu custo, senão teria sido eliminada pelas forças da seleção natural.

1. Universidade Federal da Bahia

Durante muito tempo se acreditou que a função da brincadeira estava associada ao treino de habilidades futuras. Nessa visão, o indivíduo jovem é um ser imaturo e incompetente que deveria se tornar um adulto competente e na brincadeira desenvolveria as habilidades necessárias para alcançar tal fim (Smith, 2010). Uma visão alternativa está chamando atenção, baseada na crença de que deve haver algo mais importante nessa atividade. A brincadeira é então vista não como um ensaio literal, mas como algo menos direto e, no final, mais importante. A hipótese é que a brincadeira seria uma adaptação ontogenética, ou seja, um sistema comportamental que melhora a adaptação do indivíduo nos estágios imaturos da vida, perdendo seu significado na idade adulta (Burghardt, 2005; Smith, 2010). Novos estudos tem apontado para a função da brincadeira como ativadora do desenvolvimento de estruturas cerebrais como cerebelo, amígdala e hipotálamo (Byers, 1995; Lewis & Barton, 2006).

Porém, independentemente das razões do por que o brincar foi selecionado ao longo da evolução das espécies que brincam, constatamos que as brincadeiras, principalmente as humanas, passam por mudanças em forma e conteúdo durante o desenvolvimento dos indivíduos e de acordo com o contexto em que elas ocorrem (Bichara, Lordelo & Magalhães, 2016). São nessas características que residem a curiosidade dos principais autores da psicologia do desenvolvimento contemporânea e se constitui em promissor campo de pesquisa.

Possibilidades metodológicas

Mas como investigar o brincar? Se for uma atividade que não se diferencia de outras por algum comportamento ou característica específica, como estabelecer metodologicamente seus limites a fim de se ter claro os contornos de um episódio? Se o campo mais promissor de estudos na área é o que busca permanências e variabilidades em decorrência de variações contextuais como estabelecer padrões de comparação? Quais são os informantes mais credenciados para falar sobre ela? Estas e outras questões relativas ao estabelecimento de prerrogativas metodológicas para esse estudo atravessaram o século XX e ainda estão em voga como novos paradigmas.

Tradicionalmente, a psicologia do desenvolvimento se valeu de informantes adultos para o estudo desse fenômeno, fato que desencadeou uma série de estudos com resultados particularmente viesados pelo olhar adultocêntrico (Graue & Walsh, 2003; Delgado & Müller; Müller & Carvalho, 2009). Outro método bastante popular foi o da observação em salas de espelho nos quais, geralmente, as crianças eram chamadas a brincar em um ambiente estranho e com parceiros desconhecidos. Em meados do século XX, com o advento da Etologia Humana, houve um avanço para a observação das brincadeiras nos locais onde ela naturalmente acontecia: escolas, residências, praças etc.

Os estudos observacionais permitiram a mudança do paradigma da explicação para a descrição. Com isso foi possível descrever vários aspectos do brincar como os tipos de brincadeiras, variabilidades culturais, escolhas de parceiros, organização do grupo de brinquedo, ocupação do espaço, entre outros. Estudos interculturais se tornaram frequentes, o que permitiu a percepção de uma aparente contradição: universalidade X diversidade. Brincadeiras que se mantêm através do tempo, porém com diversidades regionais e históricas permitiram que as brincadeiras tradicionais fossem estabelecidas como um universal cultural (Carvalho & Pontes, 2003).

Porém, o que pensam as crianças sobre a brincadeira? Quais suas representações sobre o que é o brincar, suas formas, parcerias, preferências de gênero entre outros aspectos

relevantes. Inserir as crianças como protagonistas nas pesquisas implica primeiramente na revisão da própria concepção de infância e de seus direitos.

A esse respeito, autores como Soares, Sarmento e Tomás (2005) consideram que mais do que qualquer outro grupo social, nas ciências sociais e humanas, as crianças foram constituídas como simples objeto de conhecimento, coisificadas no esforço de objetivação com que o positivismo se propõe estabelecer a relação de conhecimento e transformadas no referente desprovido de capacidade reflexiva.

Sendo assim, se faz necessário considerar as crianças como atores sociais e a infância como grupo social com direitos, sublinhando também a indispensabilidade de considerar novas formas de investigação com crianças (Delgado & Müller, 2005; Soares, 2006). Entre essas novas formas de investigação se destacam as metodologias participativas com crianças.

Na visão de Soares et. al. (2005), o que se recupera com as metodologias participativas é a presença da criança-parceira no trabalho interpretativo, mobilizando para tal um discurso polifônico e cromático, que resulta da voz e ação da criança em todo o processo. O desafio que as metodologias participativas colocam aos pesquisadores é duplo: por um lado, um desafio à imaginação metodológica, à sua criatividade, para a definição de ferramentas metodológicas adequadas e pertinentes; por outro lado, um desafio à redefinição da sua identidade enquanto investigadores, descentrando-se do tradicional papel de gestores de todo o processo, para conceber a co-gestão do trabalho investigativo com as crianças.

Buscando mostrar essa diversidade de desafios e fazeres na investigação do brincar que o presente Dossiê foi organizado. Métodos observacionais, participativos, mistos, criativos são aqui descritos através do relato de pesquisas recentes realizadas por pesquisadores experientes e novos doutores, abrindo um leque de possibilidades metodológicas e de olhares sobre o fenômeno na sua diversidade naturalmente existente em contextos diversificados.

O Dossiê

A proposta do Dossiê sobre A investigação do brincar surgiu em meio aos debates metodológicos do Núcleo de pesquisa Brincadeiras e Contextos Culturais do PPGPSI/UFBA, e dos desafios colocados na atualidade para se encontrar novas e inovativas formas de investigação cujo foco principal seja a criança, suas brincadeiras e suas percepções. Assim, os artigos que compõem o Dossiê são em parte fruto desses debates e em parte contribuições de reconhecidos pesquisadores brasileiros que servem de referência e inspiração para o Núcleo.

Este dossiê inicia com o artigo “A voz da criança na pesquisa e na sociedade: em busca de metodologias (efetivamente) participativas”, onde Bianca Becker apresenta um resgate das bases históricas e sociais que ainda hoje sustentam a ausência da voz das crianças na pesquisa e na sociedade mais ampla. O texto propõe uma reflexão sobre os diversos saberes constituídos ao longo do tempo até a concepção moderna de infância fundamentada nas premissas de negatividade, invisibilidade civil e de invisibilidade acadêmica. Ao apresentar novos olhares sobre as crianças como agentes sociais competentes e criativos, debate a necessária busca por metodologias efetivamente participativas que assegurem que as vozes das crianças possam de fato emergir, seja na produção de conhecimento, seja nas demais esferas da sociedade.

Em seguida, Carmem Virgínia Moraes da Silva e Liana Gonçalves Pontes Sodrê discutem a estratégia das rodas de conversa na investigação do brincar, a partir da articulação

entre as concepções de brincadeira, vivência e cultura na perspectiva sociohistórica de Vigotski no artigo intitulado “Rodas de Conversa sobre o brincar: uma estratégia para investigação com crianças”. Através deste relato de pesquisa, as autoras apresentam o brincar como um processo do desenvolvimento humano passível de ser investigado e demonstram como as rodas de conversa podem se estabelecer enquanto estratégia grupal na pesquisa com crianças.

A terceira discussão proposta por este dossiê, “Usando maquetes e entrevistas na expressão de crianças em pesquisas sobre brincar”, abrange o relato de pesquisa de Paula Sanders Pinto que construiu um método altamente criativo na pesquisa com crianças. Seu intuito era compreender como as crianças percebem os espaços públicos onde brincam e como se articulam para elaborar uma proposta coletiva de melhoria para os mesmos. Apostando na capacidade argumentativa das crianças para falar sobre suas próprias questões como os espaços para brincadeiras, este estudo usou maquetes e entrevistas como meios de expressão que possibilitaram que os pensamentos das crianças fossem compreendidos em toda a sua diversidade, respeitando suas faixas etárias e maneiras de subjetivação

No artigo intitulado “Brincadeiras de Casinha e Significações de Gênero”, Melina Pereira e Maria Isabel Pedrosa descrevem uma pesquisa inovadora que analisa as concepções de gênero de meninos e meninas de três e quatro anos por meio de “oficinas” de brincadeiras, caracterizadas como “brincadeiras conversadas”. Esta pesquisa representa um importante passo na busca por metodologias participativas com crianças pequenas, especialmente aquelas que ainda não desenvolveram um repertório verbal suficientemente complexo que as permitam travar relatos mais extensos sobre suas próprias experiências.

Com o intuito de buscar formas alternativas de se pesquisar as brincadeiras infantis que superassem a difundida tradição da observação direta dos comportamentos sem a escuta ao que as crianças têm a dizer sobre suas atividades, Sabrina Torres Gomes apresenta o artigo “Brincadeiras e Brinquedos Sob o Olhar Da Criança” onde discute os resultados de sua investigação realizada em dois contextos educacionais distintos: um público e outro privado. Sua proposta envolve o uso de interlocuções com desenho para identificar a percepção de crianças em idade pré- escolar sobre brincadeiras e brinquedos na escola. Este pode ser considerado mais um estudo inovador cujas ferramentas metodológicas possibilitam a inclusão de crianças pequenas como informantes de pesquisa.

Também com a proposta de compreender a riqueza que envolve as brincadeiras desempenhadas no contexto escolar, Shiniata Menezes discute sua pesquisa com crianças da educação infantil no artigo intitulado “Observação de situações do cotidiano: Brincadeiras espontâneas na escola”. Este estudo abordou o uso de observações diretas das brincadeiras espontâneas de crianças nos momentos de recreio escolar. Com o objetivo de compreender como as crianças, através das interações lúdicas com seus pares, transformam lugares para crianças (planejados por adultos) em lugares de crianças (por elas ocupados, apropriados e ressignificados), a autora utiliza a própria brincadeira espontânea como sua ferramenta metodológica, por onde perpassam livremente os discursos e modos de expressão dos grupos infantis.

Por fim, este dossiê se encerra com o relato da pesquisa inovadora de Ilka Dias Bichara que utilizou a fotografia como ferramenta metodológica e meio de expressão infantil que permitiu acessar importantes nuances do universo lúdico das crianças nos espaços privados de sua rotina. Dessa forma, o artigo “O brincar de crianças em casa revelado em fotos” apresenta a técnica de entrevista com fotos que permitiu identificar, a partir dos olhares e discursos das próprias crianças, os seus lugares preferidos para brincar em casa, objetos

utilizados e brincadeiras preferidas. Esta pesquisa se mostrou altamente eficaz para acessar os olhares e opiniões das crianças sobre fenômenos que envolvem suas vivências diretas.

Como conjunto comportamental que toma parte importante da vida das crianças, a brincadeira é à primeira vista, facilmente reconhecida entre os demais comportamentos dos grupos infantis. No entanto, sua investigação científica carece de métodos mais seguros e apropriados, que traduzam efetivamente as experiências lúdicas infantis para além dos olhares e descrições enviesadas por perspectivas primordialmente adultocêntricas (Delgado & Müller, 2005; Soares, 2006).

A busca por metodologias participativas em pesquisas com crianças, onde suas vozes possam de fato ser ouvidas e consideradas em suas especificidades discursivas representa um importante passo na tentativa de se compreender o universo lúdico infantil a partir de desenhos de pesquisa que não ocultem as vivências dos seus próprios sujeitos participantes. Entendemos que este é ainda um campo aberto e em processo de construção. Os debates propostos por este dossiê se revelam convites a uma urgente e necessária reflexão dentro das ciências dedicadas ao estudo dos mundos das crianças: a participação das crianças na pesquisa e na sociedade mais ampla depende diretamente da construção de novos olhares sobre a infância que superem as premissas naturalizadas de negatividade e inabilidade em prol de entendê-las como agentes criativos, socialmente competentes e co-construtores da cultura a que pertencem.

Referências:

- Bichara, I. D.; Lordelo, E. R.; Magalhães, C. M. C. (2016). Por que brincar? Brincar pra que? A perspectiva evolucionista sobre o brincar. Em M. E. Yamamoto & J. V. Valentova. Manual Psicologia Evolucionista. S. Paulo: Casa do Psicólogo (no prelo)
- Burghardt, G.M. (2005). *The Genesis of Animal Play: Testing the Limits*. Cambridge: The MIT Press.
- Byers, J. A.,; Walker, C. (1995). Refining the motor training hypothesis for the evolution of play. *American Naturalist*, 146, 25–40.
- Carvalho, A. M. A. & Pontes, F. A. R. (2003). Brincadeira é cultura. In: A.M.A. Carvalho; C.M.C. Magalhães, F. A. R. Pontes & I. D. Bichara (Orgs.), Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca. (vol.I, O Brasil que Brinca, pp.15-30). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Delgado, A.C.C. & Muller, F. (2005). Em busca de Metodologias Investigativas com Crianças e suas Culturas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n125, mai/ago.
- Gosso, Y.; Carvalho, A.M.A. (2013). Play and cultural context. Smith P.K., topic ed. In: Tremblay, R.E., Boivin, M, Peters, R.D.V, (eds.) *Encyclopedia on Early Childhood Development* [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development and Strategic Knowledge Cluster on Early Child Development; <http://www.child-encyclopedia.com/documents/GossoCarvalhoANGxp1.pdf>.
- Graue & M. E & Walsh, D. J. (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: teoria, métodos e ética*. Trad. Ana Maria Chaves. Revisão Técnica Teresa Vasconcelos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lewis, K. P.; Barton, R. (2006). Amygdala Size and Hypothalamus Size Predict Social Play Frequency in Nonhuman Primates: A Comparative Analysis Using Independent Contrasts. *Journal of Comparative Psychology*, 120, No. 1, 31–37

- Müller, F. & Carvalho, A.M.A. (2009). Encontros e Diálogos: notas introdutórias. In: Müller, F.; Carvalho, A. M. A (orgs). *Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez.
- Pellegrini, A.D.; Smith, P.K. (1998). The development of play during childhood: forms and possible functions. *Child Psychology and Psychiatry Review*, 3 (2), 51-57
- Smith, P. K. (2007). Evolutionary foundations and functions of play: an overview. In A. Gönc & S. Gaskins (Eds.) *Play and Development: evolutionary, sociocultural and functional perspectives* (21-54). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates
- Smith, P. K. (2010) *Children and Play*. London: Wiley-Blackwell.
- Soares, N.F., Sarmiento, M.J. e Tomás, C. (2005). Investigação da Infância e Crianças como Investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. *Nuances: estudos sobre educação*. ano XI, v. 12, n. 13, jan./dez.
- Soares, N.F. (2006). A Investigação Participativa no Grupo Social da Infância. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, pp.25-40, Jan/Jun.